



CANTA, CANTA, MINHA GENTE!

A VILA É DE MARTINHO!

Sinopse de Enredo

“Canta, canta, minha Gente, deixa a tristeza pra lá!”

Canta, Vila Isabel, Morro dos Macacos, Pau da Bandeira e todo o povão Branco e Azul, pois a Festa é da Raça!

Canta feliz da vida o outro Poeta que o Samba te deu, legado eterno do povo teu!

“Canta forte, canta alto, que a vida vai melhorar”, pois o samba foi feito de morro e a Festa é na Raça para a gente impor e celebrar a negritude!

Vamos abrir mais uma vez caminho à nossa ancestralidade, que pede passagem com a vida do Rei Negro das “kizombas, andanças e festanças”, coroadado pela brasileira terra negra com força e fé das Áfricas e de Angola!

Morro é África, malandro é guerreiro de lança em punho e a criançada brincando pelas vielas e correndo pela savana.

“Ô dai-me licença ê!

Ô dai-me licença!

Uma licença de Zambi

para cantar umas zuelas no toque do Candomblé”.

É Mano Martinho, Vila!

Simbora?

Batuques invadem o Morro dos Macacos e passeiam pela Vila num convite animado à coroação. Por becos e vielas, seus camaradas descem escadas e ladeiras acompanhados pelo riso inocente das crianças admiradas que entoam melodias eternizadas por ele. Ele, cujo caminho até a coroação foi longo, nasceu na roça onde sentia o vento no rosto e a liberdade nos pés. Corria solto o moleque pelo chão batido, brincando sob a benção do carinho de Mãe Tereza e do amor devoto de Vó Procópio a proteger o garoto contra mau-olhado e assombração. Duas Barras marcada no coração do menino que veio à luz no Carnaval, um ano depois – quem diria? – da partida de Noel. Mal sabia o pequeno Zé que o Axé o preparava para encantar o povo. É a vida que começava a ser tecida pelos caminhos que Zambi quis.



Resistir! O rapaz vai acompanhado pelo tempo, que o conduz a outras praças. Carrega consigo a verdade do mundo estampada na pele. Com os Pretos Forros, na inteligência do dia a dia na Boca do Mato, Martinho fez samba no morro desde cedo, mesmo com a dor da dura vida que seus olhos testemunhavam. Percebeu que ser um só não bastaria para enfrentar a desigualdade. Cantarolava amores, amigos, a família e, múltiplo, virou Sargento Martinho, sem nunca vacilar na felicidade. Negro que segurou no peito as responsabilidades para gritar, partideiro, a revolta contra brancas maldades.

Batucando aqui e acolá, suas personalidades poéticas cresciam, encantando uma Menina-Moça, Vila Isabel, amor à primeira vista. O encantamento foi mútuo. Ela lhe deu inspiração e, a ela, o Poeta declamou paixão. O nome mudou, casamento em que o tempo não faz mais sentido, só há eternidade. Fez, da sua casa, Casa de Bamba, onde todos são bem-vindos. Avolumavam-se canções e partidos-altos, aquele amor transbordando alegria! Nas curvas salivadas dos musicados amores pela Vila e outras cabrochas, encantou-nos, o Devagar, com a língua dada a prazeres. Toques e beijos, palavras e mãos, seios e desejos – vibra com jeito, meu violão, para fazer tremer esse chão!

Sempre feliz, quis brincar Carnaval e desfiou seu Carnaval de Ilusões sob a benção de Noel. Martinho eterno menino, sorriso no alto, amor-paixão pela Coroa, o Branco e o Azul tingindo a gente em noites de fascínio e magia, dedicação foliã entre confetes e serpentinas. Sentiu a quentura da folia e decidiu que o mundo daquele jeito feliz era seu lugar. Então, foi tudo montado para que o povo, ao seu som, sempre quisesse sambar! O Martinho? Mora lá na Vila... É o tal do Martinho da Vila, nosso Rei Negro da Folia.

Afinal, fez química com batidas ancestrais. Deu liga. Gênio popular, misturou o sacolejo dos sons, sembas, sambas, partidos-altos, pagodes e canções. Roça, favela, comunidades, terreiros, Duas Barras, Vila e a gema do Rio de Janeiro. O cavaco era na rua, da rua. Resistência, o tom do sambista. Na escola das favelas, na sabedoria dos botequins e na boemia do Boulevard, na cachaça de beira de calçada e na cerveja com os compadres, vive a simplicidade de gente sábia e desce mais uma para embalar a cantoria.



Daí, reencontrou nas Áfricas sua história por completo. De Luanda, memórias, dom, talento, afeto. Ancestralidade é teu nome, Martinho, e a Vila te saúda! Suas andanças rumo ao Ventre Mãe reaparecem no sorriso aberto e Angola se faz presente. Voltando aos ancestrais, ecoam as vozes daqueles que possuem a força da cor. Nosso Poeta abre caminhos de lá pra cá e daqui pra lá. Intercambia, como elo, passado e futuro e Angola abraça o Embaixador Negro!

Aliás, Martinho sempre esmurrou o preconceito. Por aqui, certo, levantou-se também pela Democracia que seu Brasil há muito já não via. Mané com ele não se cria! Diretas pela liberdade e o menino da Vila com o dedo na ferida. Pé ante pé, há muito trocara o marchar pelo sambar e desafiou a censura de não poder criar e ser feliz do jeito que se é Martinho, da Vida! Cantou pela liberdade nos dois mundos unos separados pela covardia da escravidão. Martinho do Brasil e de Angola, Canto Livre! Kalunga e Kizomba, bem, chegou a hora!

Festa da Raça! Na Sapucaí, conquistas da luta negra pela liberdade, tantos Brasis Quilombos dos Palmares, tantos Palmares-Brasis a festejar: negras e negros que lutam pela dignidade. No Centenário da Abolição, bom lembrar que negra foi a canção, samba que ferveu e ferve no sangue das passistas, na alma das baianas, na Swingueira de Noel, nas negras e negros que mandaram e mandam na Avenida. Valeu, Zumbi! Tem grito forte nos Palmares e aqui! Martinho guerreiro quimbundo, Zumbi abençoando e Zumbi dando força: Concerto Negro ontem, amanhã e agora.

E seguiu, “devagar, devagarinho”, o sambista e sambador, também malandro engenhoso inspirado quando com tinta na mão. Alma brasileira-angolana e a Lua de Luanda iluminando seus livros. Salve a amada família, a das favelas, das Áfricas, de Barras, de sangue e da Vila, tudo tema de prosas e poesias, Martinho lambendo com amor a cria! Veio de longe a vocação de prosador. Bateu papo com o Bruxo do Cosme Velho quando para ele fez samba nos idos da Boca do Mato. Saber da rua, da roça, dos barracos, olho no olho de qualquer dotô e nosso nêgo quebrando o racismo de cada dia no gingado sábio – “Crioulo não é doido!” e negro impõe respeito! Martinho sim, Doutor com conhecimento de causa, da vida e dos livros! Escreveu histórias, Zé das Cantorias! Martinho das Letras, a Academia o reverencia! O Rei derrama sabedoria nas páginas e, em verso e prosa, encanta e declama a vida.



Cabem, assim, mil Martinhos nessa história. Sem pressa, o Poeta Negro enredou suas memórias no chão sagrado da Vila, preparou o quintal pro pagode com os amigos, celebrou causos da fazenda, da favela, dos subúrbios e da folia, a mesa farta sempre em boa companhia – cantos de lavadeiras, corações de malandros, crenças e crendices, papos de cozinha. Cadenciado, brincou e brincar! Compadre Noel, aquele abraço só no sapatinho e na alegria!

E agora é a vez de vocês correrem soltos, meninas e meninos da Vila, pois lá vem a coroação do Mestre Rei Martinho. Aprendam com o Griô de Gbala: é sobre a gente negra, nosso sangue, nosso carnaval, nossa ancestralidade, que hoje ele com a gente fala. O morro desce “feliz da Vila”: a vida dele vamos coroar! E vamos renascer das cinzas, tudo acabando na quarta-feira só pra recomeçar, pois nossa negra felicidade jamais vai terminar. Uma “Boa Noite”, Vila Isabel! Nossa garra na terra de bambas é celeste, infinita, e o resto a gente aprende com Martinho Mestre, só no laiaraiá!

Ergue a cabeça então, Comunidade, e pisa forte na Avenida! Ginga, samba, semba!

Arranquem do peito o grito preso e cantem alto com orgulho a força e a fé da nossa negra-alma-samba, deixando qualquer tristeza pra lá!

É dia do Teu Martinho, Vila!

Incendeia a Sapucaí, vamos pra cima e sim, bora kizombar!

Enredo: Edson Pereira, Victor Marques, Clark Mangabeira

Sinopse e Texto: Victor Marques, Clark Mangabeira



GLOSSÁRIO:

1) “Canta, canta, minha Gente, deixa a tristeza pra lá!” / “Canta forte, canta alto, que a vida vai melhorar” – referência à música “Canta Canta, Minha Gente”

(<https://www.lettras.mus.br/martinho-da-vila/287326/>).

2) “kizombas, andanças e festanças” – título de um livro de Martinho da Vila.

3) “Ô dai-me licença ê!/Ô dai-me licença!/Uma licença de Zambi para cantar umas zuelas no toque do Candomblé” – referência à música Festa de Candomblé

(<https://www.lettras.mus.br/martinho-da-vila/1916466/>)

4) Mano – no livro “Kizombas, Andanças e Festanças”, Martinho escreve um diálogo imaginado entre ele e Noel Rosa. “Mano Martinho” é como Noel Rosa o chama no livro.

5) amor devoto de Vó Procópio – Família e Ancestralidade são fundamentais na obra e filosofia de vida de Martinho. Vó Maria é uma referência à avó de Martinho: “[...] num dia 12 de fevereiro de 1938, nasceu Martinho, filho de Dona Tereza e seu Josué, neto de Bento José da Silva e Serafina Maria da Conceição, avós que não conheceu, e de Martinho José Ferreira e Procópio Maria da Conceição Ferreira, com quem conviveu algum tempo” (THEODORO, Helena. Martinho da Vila: reflexos no espelho. Rio de Janeiro: Pallas, 2018). Ainda sobre sua avó, em relato da mãe de Martinho registrado por Helena Theodoro, “Martinho tem os guias que o protegem e, como adorava avó dele, a Comadre Procópio, sei que ela também protege ele” (THEODORO, Helena. Martinho da Vila: reflexos no espelho. Rio de Janeiro: Pallas, 2018).

6) veio à luz no carnaval, um ano depois – quem diria? – da partida de Noel – Martinho da Vila nasceu em Fevereiro de 1938, época de carnaval. Noel Rosa faleceu em Maio de 1937.

7) pequeno Zé – referência ao nome do meio de Martinho da Vila: “Martinho José Ferreira nasceu em Duas Barras, Rio de Janeiro, em 12 de fevereiro de 1938”

(<http://martinhodavila.com.br/biografia/>)



8) Pretos Forros / Boca do Mato – “Cidadão carioca criado na Serra dos Pretos Forros (Boca do Mato – Lins de Vasconcelos), sua primeira profissão foi a de Auxiliar de Químico Industrial, com diploma adquirido em curso intensivo do SENAI, Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial” (<http://martinhodavila.com.br/biografia/>)

9) Sargento Martinho – referência à vida de Martinho da Vila: “Arrimo de família, alistou-se no Exército como voluntário no Segundo Batalhão de Carros de Combate, destinado ao LQFE (Laboratório Químico e Farmacêutico do Exército), onde pretendia ser funcionário público, mas decidiu-se pela carreira militar. Foi cabo, sargento e cursou a Escola de Instrução Especializada, onde se formou em contabilidade. Exerceu funções burocráticas na DGEC (Diretoria Geral de Engenharia e Comunicações) como escrevente-contador e pediu baixa para se tornar cantor profissional” (<http://martinhodavila.com.br/biografia/>)

10) Menina-Moça / Casa de Bamba – referências a músicas de Martinho: “O artista surgiu para o grande público no III Festival de MPB da TV Record, em 1967, quando apresentou o partido-alto Menina Moça e no ano seguinte, na quarta edição do mesmo festival, lançou o clássico Casa de Bamba, seu primeiro sucesso, seguido de O Pequeno Burguês.” (<http://martinhodavila.com.br/biografia/#1471653734786-0388a521-fbfd>)

11) o Devagar – apelido de Martinho: “Quando serviu no Exército, como soldado de cabo, era chamado apenas de Ferreira. Promovido a sargento, uma vez que já eram muitos os Ferreiras no quartel, virou Sargento Martinho. Nada disso era nome de artista. Muito menos Devagar, apelido que ganhou no curso técnico de contabilidade que fez na Academia de Comércio Cândido Mendes, no Centro do Rio de Janeiro” (SUKMAN, Hugo. Martinho da Vila: discobiografia. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2013).

12) Carnaval de Ilusões – referência ao carnaval de Martinho na Vila Isabel: “[...] Martinho não saía da Vila Isabel quando a escola do bairro, também passou para o primeiro grupo e resolveu percorrer as escolas pequenas atrás de talentos, para reforçar o time de compositores. Martinho José, já sargento do Exército, foi para a Vila. No ano seguinte, no carnaval de 1967, ele faria sua pequena revolução [...]. Unidos de Vila Isabel desfilaria um enredo de ficção – e não baseado na História, como era comum –, com um samba de Martinho, “Carnaval de Ilusões”. Martinho



estava prestes a mudar tudo” (SUKMAN, Hugo. Martinho da Vila: discobiografia. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2013).

13) química – “sua primeira profissão foi a de Auxiliar de Químico Industrial, com diploma adquirido em curso intensivo do SENAI, Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial” (<http://martinhodavila.com.br/biografia/>)”

14) sembas – gênero de música e dança tradicional de Angola. No CD “O Canto Livre de Angola”, de 1993, a faixa 2 chama-se “Rapsódia de Semba”. Devido à forte ligação de Martinho com Angola, semba é uma homenagem a essa ligação.

15) cavaco – segundo dicionário, “Cavaco é sinônimo de: conversa” (<https://www.dicio.com.br/cavaco/>)

16) Embaixador negro – Sobre Martinho, “Recebeu o título honorário de Embaixador Cultural de Angola e Embaixador da Boa Vontade da CPLP (Comunidade de Países de Língua Portuguesa), por ser um incentivador das relações lingüísticas do português e divulgador da lusofonia” (<http://martinhodavila.com.br/biografia/#1471658640225-d2ceac90-7a11>) .

17) lambendo com amor a cria – referência ao CD “Lambendo a Cria”, de 2011.

18) Bruxo do Cosme Velho – “Bruxo do Cosme Velho” é a alcunha do escritor Machado de Assis. Em 1959, Martinho fez um samba-enredo em sua homenagem: “Quando, aos 15 anos, ele testemunhou a fundação da Escola de Samba Aprendizes da Boca do Mato, na sua vizinhança, logo se juntou aos bambas. E muito cedo ajudou a formar a Ala dos Compositores. Nessa época, cantou seu primeiro samba no terreiro, “Piquenique”. Pouco tempo depois, em 1957, a escola desfilaria com um samba-enredo seu, “Carlos Gomes”, o primeiro dos seis que ganharia na Boca do Mato. Em 1959, com “Machado de Assis”, criado por Martinho, a escola ganhou o título do segundo grupo e passou para o primeiro grupo” (SUKMAN, Hugo. Martinho da Vila: discobiografia. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2013).



19) “Crioulo não é doido!” – referência ao show-protesto de Martinho, intitulado “Nem todo crioulo é doido!” e LP de mesmo nome, de 1967. Segundo o próprio Martinho, em relato a Helena Theodoro, “Eu achei aquilo horrível, e resolvi bolar um espetáculo chamado Nem Todo Crioulo é Doido. O Ricardo Cravo Albin deu força, a Sebastiana Arruda, uma negra advogada influente, me ajudou a conseguir o Teatro João Caetano. Eu dirigi tudo seguindo umas dicas do Haroldo Costa. [...] Polemizei provando por A mais B que nem todo crioulo era doido. [...] A Codil aproveitou a onda do show e, sem minha autorização, lançou o disco com o título Nem Todo Crioulo é Doido” (THEODORO, Helena. Martinho da Vila: reflexos no espelho. Rio de Janeiro: Pallas, 2018).

20) Zé das Cantorias – personagem criado por Martinho da Vila em seu livro Ópera Negra (<http://martinhodavila.com.br/literatura/>)

21) Academia – Sobre Martinho e sua vida literária: “É escritor de livros infantis, infanto-juvenis, biografias e romances. É membro efetivo da Academia Carioca de Letras, do PEN CLUB e da Divine Académie Française des Arts, Letres e Culture.” (<http://martinhodavila.com.br/biografia/#1471659138703-9daa6ae8-3bbe>) .

22) Devagar, devagarinho – referência à música de mesmo nome (<https://www.vagalume.com.br/martinho-da-vila/devagar-devagarinho.html>), que é sua filosofia de vida.

23) Diretas – Martinho no período da Ditadura Militar: “- Não há nada mais político do que samba; está ali toda a vida da gente – declarou Martinho ao Jornal do Brasil. Na verdade, Martinho quis escrever sobre a política do cotidiano. Ficava um tanto decepcionado com a política formal – a dos políticos profissionais –, depois de ter participado da campanha por eleições diretas, a partir de 1984. Durante o movimento, políticos da oposição ao regime militar e artista se uniram, sobretudo para promover comícios pelo Brasil e pressionar o Congresso Nacional a estabelecer novamente eleições diretas para Presidente da República, suspensas desde o golpe militar de 1964. Martinho participou da campanha desde o primeiro comício, realizado em Curitiba” (SUKMAN, Hugo. Martinho da Vila: discobiografia. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2013).



24) quimbundo – segundo dicionário, “Língua do grupo banto, falada em Angola” (<https://www.dicio.com.br/quimbundo/>). Refere-se, na sinopse, portanto, à relação de Martinho com Angola.

25) Concerto Negro – Sobre Martinho, “Idealizou, em parceria com o Maestro Leonardo Bruno, o Concerto Negro, espetáculo sinfônico que enfoca a participação do negro na música erudita” (<http://martinhodavila.com.br/biografia/#1471659138703-9daa6ae8-3bbe>) .

26) Cantos de lavadeiras – referência ao LP “O canto das lavadeiras”, de 1989.

27) corações de malandros – referência ao LP “Coração de Malandro”, de 1987.

28) crenças e credices – referência ao livro “Fantasias, Crenças e Credices” (<http://martinhodavila.com.br/literatura/>)

29) papos de cozinha – referência ao LP “Batuques de Cozinha”, de 1972.

30) Griô de Gbala – referência ao samba de Martinho para o desfile de 1993, Gbala – Viagem ao Templo da Criação.

31) Feliz da Vila – referência à letra de "Um Barraco Na Vila / Feliz da Vila / Filho da Vila / Isabel / Vilancete" de Martinho da Vila, Gaúcho, Agrião, Raoni Ventapane, Jeje do Caminho e Jorge Tropical (<https://genius.com/Martinho-da-vila-um-barraco-na-vila-feliz-da-vila-filho-da-vila-isabel-vilancete-lyrics>) .

32) tudo acabando na quarta-feira – referência à “Pra tudo se acabar na quarta-feira” (<https://www.ouvirmusica.com.br/martinho-da-vila/287450/>). Mesmo nome do enredo e samba de Martinho, de 1984.

33) Boa Noite – referência à relação de Martinho com a Vila e à obra do homenageado: “Para ser Martinho da Vila, ele teve que fazer um samba: “Boa noite, Vila Isabel / Quero brincar o carnaval / Na terra de Noel / Boa noite diretor de bateria / Quero contar com sua marcação /



Boa noite sambistas e compositores / Presidente, diretores / Para Vila eu trago / Toda minha inspiração” (SUKMAN, Hugo. Martinho da Vila: discobiografia. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2013).

34) laiaraiá – referência ao LP “Meu Laiaraiá”, de 1970.

35) Martinho sim, doutor com conhecimento de causa. – Martinho da Vila é Doutor Honoris Causa pela UFRJ

ENREDISTAS:

Prof. Ms. Victor Marques – Mestre em Antropologia Social na Universidade Federal de Mato Grosso com uma dissertação sobre o Carnaval cuiabano. Pesquisador do Observatório de Carnaval (Labedis/Museu Nacional/UFRJ) e do Grupo Caleidoscópio (Núcleo de Estudos em Cultura Popular/UFMT). Professor de Língua Portuguesa e Literaturas na rede privada de ensino. Possui graduação em Letras - licenciatura em Língua Portuguesa e Literatura Brasileira pelas Faculdades Integradas Simonsen.

Prof. Dr. Clark Mangabeira – Professor adjunto do Departamento de Antropologia e do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal de Mato Grosso. Pesquisador do Observatório de Carnaval (Labedis/Museu Nacional/UFRJ); do Grupo NESCAFÉ (Núcleo de Pesquisa Estudos Carnavalescos e Festividades/PPGAV/Escola de Belas Artes/UFRJ) e do Grupo Caleidoscópio (Núcleo de Estudos em Cultura Popular/UFMT). Doutor em Antropologia Social pelo Museu Nacional da Universidade Federal do Rio de Janeiro (2014). Mestre em Ciências Sociais pelo Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais (PPCIS) da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (2008). Bacharel em Letras (Inglês/Literaturas de Língua Inglesa) pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (2016), Bacharel em Direito pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (2006) e Bacharel em Ciências Sociais pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (2005).



BIBLIOGRAFIA:

- SUKMAN, Hugo. **Martinho da Vila: discobiografia**. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2013.
- THEODORO, Helena. **Martinho da Vila: reflexos no espelho**. Rio de Janeiro: Pallas, 2018.
- VILA, Martinho da. **Discografia completa**.
- VILA, Martinho da. **2018 – crônicas de um ano atípico**. São Paulo: Editora Kapulana, 2019.
- VILA, Martinho da. **Kizombas, andanças e festanças**. Rio de Janeiro: Ed. Record, 1998.
- VILA, Martinho da. **Ópera Negra**. São Paulo: Editora Global, 2001.
- VILA, Martinho da. **Fantasia, crenças e credices**. Rio de Janeiro: Ciência Moderna, 2011.
- VILA, Martinho da. **Memórias póstumas de Teresa de Jesus**. Rio de Janeiro: Ciência Moderna, 2002.

ENREDOS:

1984 – Pra Tudo se Acabar na Quarta-Feira

Autor (s) do Enredo: Comissão de Carnaval e Martinho da Vila

Carnavalesco: Fernando Costa

Autor (s) do Samba: Martinho da Vila

1988 – Kizomba, Festa de Raça

Autor do enredo: Martinho da Vila

Carnavalesco: Milton Siqueira

2005 – Singrando em Mares Bravios... Construindo o Futuro

Autor (s) do Enredo: Martinho da Vila/ Joãozinho Trinta / W.Victor

Carnavalesco: Joãozinho Trinta

Autor (s) do Samba: André Diniz, Serginho 20, Sidney Sã, Profº Newtão e Miguel Bede

2012 – O Canto Livre de Angola – Semba de lá que eu sambo de cá

Autor (s) do Enredo: Alex Varela e Rosa Magalhães

Carnavalesco: Rosa Magalhães

Autor (s) do Samba: André Diniz, Arlindo Cruz, Artur das Ferragens, Evandro Bocão e Leonel



SAMBAS:

1967 – Três Acontecimentos Históricos

Autores do enredo: Gabriel do Nascimento e Dario Trindade

Autores do samba: Martinho da Vila e Gemeu

1968 – Quatro Séculos de Modas e Costumes

Autores do enredo: Augusto Gonçalves e Walter Tomé

Autor do samba: Martinho da Vila

1969 – Iaiá do Cais Dourado

Autores do enredo: Gabriel do Nascimento e Dario Trindade

Autores do samba: Martinho da Vila e Rodolfo de Souza

1972 – Onde o Brasil Aprendeu a Liberdade

Autores do enredo: Djalma Victorio e Soares e Souza

Autor do samba: Martinho da Vila

1984 – Prá Tudo Se Acabar na Quarta-Feira

Autor do enredo: Comissão de Carnaval e Martinho da Vila

Autor do Samba: Martinho da Vila

1987 – Raízes

Autor do enredo: Max Lopes

Autores do samba: Martinho da Vila, Ovídio Bessa e Azo

1993 – Gbala – Viagem ao Templo da Criação

Carnavalesco: Oswaldo Jardim

Autor do samba: Martinho da Vila



SITES:

www.martinhodavila.com.br

www.lettras.mus.br

www.dicio.com.br

www.ouvirmusica.com.br

www.vagalume.com.br

www.salasaopaulo.art.br

www.genius.com/Martinho-da-vila-um-barraco-na-vila-feliz-da-vila-filho-da-vila-isabel-vilancete-lyrics